

(...) "A população de Macau não pode ficar encostada a estas críticas habituais, segundo as quais o Fórum poderia fazer muito mais. Outros sectores da sociedade poderiam também fazer muito mais" (...) - Carmen Amado Mendes

LOCAL

(...) "Em mais nenhum sítio da China há condições como em Macau para que os países, ou os pequenos e médios empresários desses países [lusófonos], se sintam tão confortáveis, apoiados por esta estrutura jurídica e linguística" (...) - Idem

SEGUNDO ESPECIALISTA EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Lusofonia devia ter interlocutor no Governo

Carmen Amado Mendes defende que a ideia da criação do Fórum Macau "é brilhante". Para a académica, falta um membro do Governo que assegure a coordenação da estratégia de afirmação de Macau enquanto plataforma entre a China e os países de lusófonos

PAULO BARBOSA

A afirmação de Macau enquanto plataforma entre a China e os países lusófonos deve ser garantida por "alguém no Governo de Macau que controle a operacionalização e a aplicação dessa estratégia a todos níveis do Executivo", defende Carmen Amado Mendes. A professora de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra (UC), que esteve ontem na RAEM a participar numa sessão do Seminário Jean Monet, considera que tal estratégia deve estar nas prioridades "do Governo de Macau e dos habitantes de Macau em todas as suas dimensões, não se podendo restringir ao papel do Fórum".

No entanto - advertiu - há muito trabalho a fazer para concretizar o conceito de Macau como plataforma entre a China e a lusofonia "em múltiplas dimensões, não apenas a da língua, não apenas a nível educacional e cultural, mas também a nível económico e comercial".

"A população de Macau não pode ficar encostada a estas críticas habituais, segundo as quais o Fórum poderia fazer muito mais. Outros sectores da sociedade poderiam também fazer muito mais. O que falta para que isso aconteça é alguém no Governo que consiga dizer de forma clara, sentando à mesma mesa pessoas das várias Secretarias, departamentos do Governo e da sociedade civil, de que forma é que Macau pode ter um



papel ainda mais importante nesta ligação", complementou Carmen Amado Mendes, que dedicou a sua palestra ao papel do Fórum Macau enquanto "modelo de integração transregional".

Professora assistente no Departamento de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da UC, Carmen Amado Mendes tem vindo a estudar assuntos relacionados com Macau, bem como a política internacional da China e as relações entre este país e a União Europeia. Para além de docente, a palestrante do Seminário Jean Monet é sócia fundadora da empresa de consultoria Chinalink, que tem sede em Lisboa.

Considerando que a ideia do Fórum Macau "é brilhante do ponto de vista chinês, para Macau e para a lusofonia", a académica previu que, "no longo prazo, o Fórum pode tornar-se como um grande centro de formação e também uma câmara de comércio, que dê apoio a pequenas e médias empresas, facilitando os negócios", uma função que não terá utilidade para "as grandes companhias estatais, que não precisam do Fórum para fazer os seus negócios". De acordo com Carmen Amado Mendes, Macau é um

sítio privilegiado para criar "uma grande câmara de comércio entre a China e os países de língua portuguesa", dado que "em mais nenhum sítio da China há condições como em Macau para que os países, ou os pequenos e médios empresários desses países, se sintam tão confortáveis, apoiados por esta estrutura jurídica e linguística".

Por estar razões, a docente universitária pensa que "o Fórum tem futuro e não é uma coisa que vá acabar de hoje para amanhã, vai desenvolver-se talvez não do ponto de vista político, como uma verdadeira organização internacional, até porque o Fórum foi criado - e não por acaso - no Ministério do Comércio da China e não no Ministério dos Negócios Estrangeiros". A margem de desenvolvimento daquele órgão será enquanto "estrutura económica internacional", mesmo admitindo que "o Fórum não tem resultado e influência a nível do grande comércio bilateral entre a China e estes países, mas tem influência na vida de pequenos e médios empresários". Para a palestrante, "faltava uma estrutura deste género".

Perante uma audiência constituída essencialmente por alunos universitários,

Carmen Amado Mendes descreveu as intenções que terão estado subjacentes à criação do Fórum Macau, constituído três anos depois do Fórum China-África, que inclui 50 países africanos. Se, por um lado, "com o desenvolvimento da indústria do Jogo, foi importante criar algo único, que justifique a existência da RAEM, para além do Jogo", por outro, o Fórum "não se centra só na África, tem uma abrangência mais ampla".

Segundo argumentou a académica, o facto do Fórum Macau ter sido criado no seio do Ministério do Comércio implica que seja essencialmente "um fórum económico", embora "haja muita diplomacia a acontecer" nas suas reuniões. "O Fórum formalmente não tem uma conotação política, mas, na realidade é um instrumento político", apontou. Na agenda política do órgão cujo Secretariado tem sede em Macau estarão temas como "fazer crescer a influência chinesa nos países lusófonos, publicitar o modo de vida e o modelo de desenvolvimento chineses, pressionar São Tomé e Príncipe a estabelecer relações diplomáticas com a China [em vez de com Taiwan], projectar internacionalmente o poder chinês e contribuir para a reunificação doméstica", mostrando o "sucesso da fórmula um país, dois sistemas". Carmen Amado Mendes considera mesmo "uma ideia brilhante usar o legado de Macau para promover os interesses internacionais e domésticos da China".

DESCONFIANÇAS BRASILEIRAS. Apesar das potencialidades, "há países que estão mais e menos interessados no Fórum, como, por exemplo, o Brasil, que não tem um delegado e envia o cônsul de Hong Kong às reuniões", observou Carmen Amado Mendes. A investigadora levantou a hipótese de as razões da desconfiança brasileira se prenderem com o facto de o Fórum ser financiado pela China. Segundo afirmou durante a palestra, "o apoio aos delegados dado pela China, através do Governo da RAEM, significa que não são apenas funcionários dos seus países, mas também da China". Tal apoio "pode prejudicar a independência dos delegados, talvez por isso o Brasil não queira ter um", continuou. Por outro lado, na opinião de Carmen Amado Mendes, "o Brasil desconfiou sempre do Fórum, porque o viu como uma forma para a China entrar nos países africanos, onde os brasileiros têm uma presença forte".

Conversações antes de regulamentação do Fundo

O fundo de mil milhões de dólares foi anunciado pelo Governo Central há um ano, mas ainda não está regulamentado. Carmen Amado Mendes pensa que a demora se deve à vontade da China em ouvir os países que vão beneficiar do chamado Fundo de Cooperação. "Os regulamentos de acesso a essa linha de crédito estão a ser desenvolvidos, sondando percepções de como é que esses países poderiam querer usar essa linha, daí que estejamos a observar movimentações nesse sentido em vários países lusófonos", afirma. Para a académica, o anúncio do Fundo antes de este ter regras de funcionamento definidas prende-se "com o interesse concreto de tentar perceber o que seria mais útil" em termos de utilização da verba disponibilizada por Pequim.

Comércio sino-lusófono subiu 27%

As trocas comerciais entre a China e os países lusófonos subiram 26,69% até Setembro face ao período homólogo de 2010 para 86,4 mil milhões de dólares

De acordo com as estatísticas dos Serviços de Alfândega da China divulgadas pelo Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum Macau, entre Janeiro e Setembro, a China comprou aos países lusófonos produtos no valor de 57,6 mil milhões de dólares, mais 23% relativamente aos primeiros nove meses de 2010. Já as vendas efectuadas pela China aos mesmos países sofreram um acréscimo de 34%, ao cifrarem-se em 28,8 mil

milhões de dólares.

O Brasil manteve-se como o principal parceiro lusófono da China com um volume de trocas comerciais de 62,4 mil milhões de dólares (mais 37,38%). As exportações da China para o Brasil totalizaram 24 mil milhões de dólares (mais 35,5%), enquanto as importações subiram 38,49% para 38,3 mil milhões.

Já as trocas com Angola aumentaram 2,2% para 20,26 mil milhões de dólares, com as importações chinesas a caírem 0,29% para 18,3 mil milhões e as exportações de Pequim para Luanda a subirem 34% para 1,95 mil milhões.

Para Portugal, o terceiro parceiro comercial da China na lusofonia, com um volume de trocas co-

merciais de 2,9 mil milhões de dólares - mais 23,6% do que em 2010 -, seguiram mercadorias chinesas no valor global de 2,1 mil milhões de dólares (mais 15,9%). As compras chinesas a Portugal somaram 818 milhões de dólares (mais 49,5%).

Apesar do incremento registado nos primeiros nove meses do ano, as trocas comerciais entre a China e os oito países lusófonos atingiram em Setembro 11,2 mil milhões de dólares, valor que traduz um decréscimo anual de 978 milhões e uma descida de 8% face ao mês anterior.

As importações da China ao universo lusófono somaram 7,7 mil milhões de dólares, recuaram cinco por cento face ao mês anterior, enquanto que as exportações caíram 14% para 3,4 mil milhões.